

# **CRIANÇAS NEGRAS E ESTUDOS CULTURAIS: O ESTADO DA ARTE EM PERIÓDICOS BRASILEIROS (2010-2020)**

*BLACK CHILDREN AND CULTURAL STUDIES: THE STATE OF THE ART IN BRAZILIAN JOURNALS (2010-2020)*

*NIÑOS NEGROS Y ESTUDIOS CULTURALES: EL ESTADO DEL ARTE EM LAS REVISTAS BRASILEÑAS (2010-2020)*

**ANTONIO MATHEUS DO ROSÁRIO CORRÊA**

Mestre em Linguagens e Saberes da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) –  
Pará – PA

[matheus.correal12@gmail.com](mailto:matheus.correal12@gmail.com)

**RAQUEL AMORIM DOS SANTOS**

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora no Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA) – Pará – PA

[rakelamorim@yahoo.com.br](mailto:rakelamorim@yahoo.com.br)

**AGENOR SARRAF PACHECO**

Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Professor no Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA) – Pará – PA

[sarraf@ufpa.br](mailto:sarraff@ufpa.br)

Recebido em: 05/04/2022

Aceito em: 28/09/2022

Publicado em: 24/04/2023

## **Resumo**

Este artigo objetiva investigar a articulação entre as crianças negras e o campo de conhecimento dos Estudos Culturais em artigos de revistas científicas brasileiras no período de 2010 a 2020. O método se caracteriza pela abordagem qualitativa com aplicação de pesquisa bibliográfica e realização de Estado da Arte preliminar fundamentado nos processos de levantamento, mapeamento e análise de artigos com Qualis A1 e A2 (Educação e Interdisciplinar), com visualização do estado do conhecimento e perfil editorial das revistas. O recorte temporal compreende os últimos 10 anos de produção, considerando o Estatuto da Criança e do Adolescente. A etapa analítica está baseada nos Gêneros Discursivos do Círculo de Bakhtin (2016). Localizou-se cinco artigos sobre crianças negras no Brasil, sendo estruturadas as categorias: 1) crianças negras e racismo, com abrangência às meninas e meninos negros na literatura infantil, infâncias diante do racismo e interlocuções entre raça e Educação Infantil; 2) crianças negras e identidade, com temas referentes as crianças em iconografias no Brasil (séc. XIX e XX) e constituição da negritude na infância. Conclui-se que há necessidade de ampliação de publicações sobre a temática

e, principalmente, que contemplem os Estudos Culturais como campo epistemológico, sendo uma possibilidade a publicação de dossiês temáticos, para produção de conhecimento e divulgação científica.

**Palavras-chave:** Crianças negras. Estudos culturais. Estado da arte.

### **Abstract**

This article aims to investigate the articulation between black children and the field of knowledge of Cultural Studies in articles from Brazilian scientific journals from 2010 to 2020. The method is characterized by a qualitative approach with the application of bibliographic research and preliminary State of the Art. based on the processes of survey, mapping and analysis of articles with Qualis A1 and A2 (Education and Interdisciplinary), with visualization of the state of knowledge and editorial profile of the journals. The time frame comprises the last 10 years of production, considering the Statute of Children and Adolescents. The analytical stage is based on the Discursive Genres of the Bakhtin Circle (2016). Five articles were found on black children in Brazil, with the following categories being structured: 1) black children and racism, covering black girls and boys in children's literature, childhood in the face of racism and dialogues between race and Early Childhood Education; 2) black children and identity, with themes referring to children in iconographies in Brazil (19th and 20th centuries) and the constitution of blackness in childhood. It is concluded that there is a need to expand publications on the subject and, mainly, that include Cultural Studies as an epistemological field, with the publication of thematic dossiers being a possibility, for the production of knowledge and scientific dissemination.

**Keywords:** Black children. Cultural studies. State of art.

### **Resumen**

Este artículo tiene como objetivo investigar la articulación entre niños negros y el campo de conocimiento de los Estudios Culturales en artículos de revistas científicas brasileñas de 2010 a 2020. El método se caracteriza por un enfoque cualitativo con la aplicación de investigación bibliográfica y estado del arte preliminar, a partir de los procesos de levantamiento, mapeo y análisis de artículos con Qualis A1 y A2 (Educación e Interdisciplinariedad), con visualización del estado del conocimiento y perfil editorial de las revistas. El marco temporal comprende los últimos 10 años de producción, considerando el Estatuto de la Niñez y la Adolescencia. La etapa analítica se basa en los Géneros Discursivos del Círculo de Bajtín (2016). Fueron encontrados cinco artículos sobre niños negros en Brasil, siendo estructuradas las siguientes categorías: 1) niños negros y racismo, abarcando niñas y niños negros en la literatura infantil, infancia frente al racismo y diálogos entre raza y Educación Infantil; 2) niños negros e identidad, con temas referentes a los niños en las iconografías de Brasil (siglos XIX y XX) y la constitución de la negritud en la infancia. Se concluye que existe la necesidad de ampliar las publicaciones sobre el tema y, principalmente, que incluyan los Estudios Culturales como campo epistemológico, siendo una posibilidad la publicación de dossieres temáticos, para la producción de conocimiento y divulgación científica.

**Palabras clave:** Niños negros. Estudios culturales. Estado del arte.

## **1 Introdução**

---

Esta pesquisa possui como objeto de estudo o Estado da Arte sobre crianças negras em interfaces com o campo de conhecimento dos Estudos Culturais, a partir de artigos de revistas

científicas brasileiras entre os anos de 2010 e 2020. O estágio atual de conhecimentos sobre as crianças negras e as possibilidades de interlocução com os Estudos Culturais proporcionam o mapeamento de territorialidades, saberes e representações que esse grupo social constitui e suas comunicações em periódicos brasileiros.

Ressalta-se que o Estado da Arte proporcionou um alcance preliminar de pesquisas a respeito das crianças negras e Estudos Culturais, uma vez que os artigos localizados possibilitam a visualização de lacunas na produção científica nacional e construção diálogos teórico-científicos no tocante a temática, *a posteriori*. Além disso, futuramente, outras fontes de difusão científica podem ser adicionadas ao *corpus* de estudo, a depender da área de conhecimento e gênero discursivo com potencial desenvolvimento do tema.

O estudo surge de diálogos tecidos no componente curricular<sup>1</sup> Tópico Temático – Estudos Culturais e Saberes Locais,<sup>2</sup> ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia (PPLSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), assim como a dissertação de mestrado em andamento que versa sobre as representações sociais de crianças negras em produções científicas realizadas na Amazônia brasileira, no período de 2006 a 2020, com os descritores crianças negras e infâncias negras.

As compreensões de grupos sociais sobre as crianças negras são diversas, sendo elaboradas representações e discursos que influenciam em infâncias negras e territorialidades. Assim, ocorrem modificações em caracterizações de infâncias de crianças negras, caminhando de um pensamento acerca da criança negra única e universal, que nasce e inscreve, para pensar a criança negra como sujeito múltiplo e singular, presente em diferentes culturas e espaços sociais (ABRAMOWICZ, 2011; ABRAMOWICZ; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2010).

O grupo social das crianças negras é constituído por sujeitos múltiplos – uma vez que congrega diversas infâncias e contextos socioculturais – e singulares, pelas possibilidades de representação e enunciação discursiva que perpetram relações cotidianas, estejam as crianças transitando por determinado espaço momentânea ou permanentemente. Para Silva (2015), as

---

<sup>1</sup> Ministrado pela Profª Drª Raquel Amorim dos Santos e pelo Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco, no período de 27 de outubro a 09 de novembro de 2021.

<sup>2</sup> A ementa dessa disciplina se estrutura nos Estudos Culturais Britânicos, em mediações culturais, diaspóricas e identitárias dos Estudos Culturais, nas interfaces entre Estudos Culturais, Educação e Diferença, nos estudos sobre pensamento abissal, colonialidade, modernidade e ecologia dos saberes, além do protagonismo, do empoderamento e das resistências de vozes locais no mundo e na Amazônia.

crianças negras em contextos socioculturais aprendem e contribuem com os espaços formativos que transitam, por pertencimentos raciais, identidade étnico-racial nas socializações, práticas racistas ou enfrentamento pelo antirracismo, tecendo atitudes em suas relações.

Não obstante, os Estudos Culturais oportunizam reflexões sobre os saberes, os modos de vida, as lutas políticas e historicidades desenhadas em interações culturais dos sujeitos. Além disso, alimenta novas possibilidades de pensarmos as culturas produzidas e compartilhadas pelos grupos sociais, entre os quais situamos as crianças negras com suas infâncias, uma vez que, de acordo com Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 38):

[...] a cultura não pode mais ser concebida como acumulação de saberes ou processo estético, intelectual ou espiritual. A cultura precisa ser estudada e compreendida tendo-se em conta a enorme expansão de tudo que está associado a ela, o papel constitutivo que assumiu em todos os aspectos da vida social.

Nesse cenário, as culturas produzidas pelas infâncias das crianças negras possibilitam reflexões sobre suas experiências e lugares que ocupam na produção científica brasileira. Vale ressaltar que as culturas das crianças negras estão intimamente ligadas as suas relações raciais desenvolvidas nos espaços de interação, como em comunidades, instituições escolares, usos de espaços de recreação, dentre outros, frequentados cotidianamente por esse grupo.

Segundo Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 42), os estudos sobre a questão racial, contemplados pelos Estudos Culturais, “[...] são resultantes de um longo, amargo e contestado combate interno contra o silêncio retumbante e prolongado em torno desse ponto”. Desse modo, a presença das crianças negras em pesquisas e abordagens de suas culturas e saberes, podem ser compreendidas como caminho de resistência e problematização do racismo, para devido enfrentamento na produção do conhecimento científico e práticas sociais.

Nessa incursão, elaborou-se a questão-problema de estudo: quais são os conhecimentos produzidos sobre crianças negras em interfaces com os Estudos Culturais em artigos científicos brasileiros entre os anos de 2010 a 2020? Desse modo, tem-se por objetivo geral: investigar a articulação entre as crianças negras e o campo de conhecimento dos Estudos Culturais em artigos de revistas científicas brasileiras no período de 2010 a 2020.

Quanto aos objetivos específicos, delineou-se: (1) realizar levantamento de artigos científicos de periódicos brasileiros que versam sobre crianças negras; (2) mapear produções

que contemplam as crianças negras em interfaces com os Estudos Culturais; (3) analisar os conhecimentos produzidos sobre crianças negras em articulação com os Estudos Culturais.

## 2 Percurso metodológico

---

A pesquisa se baseia na abordagem qualitativa, sendo de “[...] particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida” (FLICK, 2009, p. 20). A investigação de cunho qualitativo proporciona a investigação de fenômenos e relações sociais manifestadas em pesquisas acadêmicas, na articulação entre o grupo social das crianças negras e o campo de conhecimento dos Estudos Culturais, pelo método do Estado da Arte.

Conforme Ferreira (2002) o Estado da Arte se caracteriza pelo desafio de mapear e discutir produções científicas em diferentes campos do conhecimento, na busca por aspectos a serem destacados nos recortes temporais e espaços de construção dos estudos. Proporciona levantamento em base de dados, para visualização do que foi produzido acerca de um tema, favorecendo a compreensão e análise em dado período histórico, político e cultural, no qual se analisa os conhecimentos dos pontos de vista científico e social.

Ferreira (2002) define ainda o Estado da Arte como um método fundamentado na utilização de fontes de pesquisa, como catálogos com dados bibliográficos, realizado em dois processos: 1) quantificação e identificação de dados bibliográficos, por meio de levantamento e mapeamento dos estudos em determinado período, locais e áreas de produção do conhecimento; 2) elaboração de inventário e análise das produções, buscando por tendências, ênfases, escolhas metodológicas e teóricas, em aproximação e diferenciação das pesquisas.

Destaca-se que, após a delimitação do objeto de estudo, elencamos o recorte temporal da pesquisa entre os anos de 2010 a 2020. O primeiro critério para escolha deste recorte temporal se deu pela relevância de investigação da situação em que se encontra a produção de conhecimentos no tocante as crianças negras nos últimos 10 anos, em correlação com os Estudos Culturais, considerando a produção científica divulgada no gênero discursivo dos artigos científicos.

Quanto ao segundo critério para a escolha desse período, destaca-se o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que completou 30 anos de promulgação em 2020, que estipula no Art. 3º, parágrafo único, que os direitos expressos nessa Lei:

[...] a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, **raça, etnia ou cor**, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem (BRASIL, 1990, p. 13563, grifo nosso).

Essa legislação faz referência aos direitos que devem ser aplicados todas as crianças, não discriminadas por suas diferentes origens e condições sociais, destacando as dimensões de raça, etnia e cor interseccionados as experiências socioculturais das crianças negras no Brasil. Nessa perspectiva, os artigos científicos contribuem para a visualização dos direitos alcançados pelas crianças negras no contexto brasileiro, além da participação na construção do conhecimento científico educacional e interdisciplinar, com suas infâncias e culturas negras.

Para levantamento de artigos científicos a respeito das crianças negras em relação aos Estudos Culturais, realizamos busca na Plataforma Sucupira (CAPES, 2022) de revistas científicas avaliadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), considerando o Qualis Periódicos<sup>3</sup> do evento de classificação Quadriênio 2013-2016, com artigos que contemplassem a temática. Nesse contexto, optamos por artigos científicos publicados em periódicos com Qualis A1 e A2, registrados nas áreas de avaliação Educação e Interdisciplinar, de acordo com a Tabela de Áreas de Conhecimento da CAPES.

Acessamos a página inicial da Plataforma Sucupira e selecionamos a opção Qualis Periódicos, sendo posteriormente realizados os procedimentos: 1) Evento de Classificação: Classificações de Periódicos Quadriênio 2013-2016; 2) Área de Avaliação: selecionamos as áreas Educação e Interdisciplinar; 3) Classificação: selecionamos os Qualis A1 e A2. Optamos pelo não preenchimento dos campos ISSN e Título, por não se aplicar ao levantamento.

Localizamos 121 registros de periódicos científicos com Qualis A1 e 380 com Qualis A2 na área da Educação, além de 938 com Qualis A1 e 1.189 com Qualis A2 na área Interdisciplinar. Nesse conjunto, consultamos o site das revistas científicas e inserimos nos mecanismos de busca os descritores crianças negras, infâncias negras e Estudos Culturais, em busca dos artigos que contemplavam os descritores simultaneamente.

O banco de dados, construído com base nas produções acadêmicas, ocorreu pela elaboração de planilha eletrônica no aplicativo *Microsoft Excel* 2016, composta pelos

---

<sup>3</sup> O Qualis Periódicos, no evento de classificação do Quadriênio 2013-2016, possuía uma escala de conceitos entre A1 (conceito mais elevado), A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C (conceito zero).

elementos: 1) Nome do periódico científico; 2) Referência bibliográfica; 3) Instituição ou departamento que está vinculado; 4) Região brasileira e Estado; 5) Qualis Periódicos da Capes; 6) Área de Avaliação.

Para mapeamento de produções sobre a temática, realizou-se pesquisa bibliográfica fundamentada na concepção de Mafra (2007), estruturada pela leitura do texto, apontamento de aspectos abordados e reflexão possibilitada pela interpretação e análise dos elementos visualizados. Nessa perspectiva, desenvolveram-se os seguintes procedimentos: 1) Leitura das estruturas textuais título, resumo, palavras-chave e, caso contemplasse o descritor, o corpo do artigo científico – introdução, método, referencial teórico, resultados e discussões, e considerações finais –; 2) Apontamento de aspectos concernentes as crianças negras em interfaces com os Estudos Culturais, por meio de fichamentos de transcrição; 3) Reflexão baseada na interpretação e análise dos elementos do texto.

Desse modo, produziu-se um inventário de dados bibliográficos, constituído por quadro elaborado no aplicativo *Microsoft Word* 2016 com a identificação numérica da produção, autor (a) que realizou a pesquisa e ano de publicação, objeto e origem da pesquisa, abordagem teórica, método – natureza e tipo de pesquisa, técnicas e instrumentos de estudo, teoria utilizada para análise –, além de resultados e discussões apresentadas no estudo.

O enfoque teórico de análise baseia-se nos Gêneros do Discurso do Círculo de Bakhtin (2016), definido por tipos de enunciados discursivos estruturados em elementos estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis, proporcionando uma comunicação discursiva, na qual o sujeito dialoga com outros falantes da língua e grupos sociais que direcionam seu texto. Para Bakhtin (2016) a comunicação discursiva ocorre pela Unidade Discursiva – representada pelo enunciado que satisfaz ao objeto e ao agente de enunciação, além de apresentar uma cadeia de pensamento na linguagem – e Unidade da Língua – representada pelas palavras e orações, sendo fontes de signos e sentidos que promovem compreensão sobre informações comunicadas pelos sujeitos, no grupo social e no contexto.

Na análise contemplamos o conteúdo temático na identificação de temas expressos nos enunciados discursivos que dizem respeito as crianças negras e aos Estudos Culturais, ao estilo determinado por elementos que configuram a construção de artigos científicos na abordagem a temática e, por fim, a construção composicional que expressa o objeto de estudo, os referenciais epistemológicos e metodológicos, os achados de pesquisa com as respectivas

análises consubstanciadas pelos pesquisadores na construção de conhecimento das crianças negras como sujeitos ativos e o campo de conhecimento dos Estudos Culturais.

Assim, apresentamos a Figura 1 com o campo discursivo que norteia esta pesquisa.

**Figura 1 - Campo discursivo do estudo.**



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

O campo discursivo se estrutura na produção de conhecimento sobre crianças negras e Estudos Culturais no período de 2010 a 2020, no qual o método do Estado da Arte fundamenta o processo de levantamento, mapeamento e análise de produções, sendo contemplado o gênero discursivo do artigo científico, pertencentes aos Qualis Periódicos A1 e A2 das áreas de conhecimento Educação e Interdisciplinar. Os sujeitos do discurso são pesquisadoras(es) dedicadas(os) a temática(as) aos quais apresentam enunciações discursivas pautadas em temas variados que podem estar alinhados ao campo de conhecimento, bem como de estilos próprios de comunicação discursiva e construção composicional que caracterizam a pesquisa científica.



### 3 A produção do conhecimento em artigos científicos sobre crianças negras e Estudos Culturais

Os artigos possibilitam a identificação do estágio de conhecimentos sobre crianças negras, no bojo dos Estudos Culturais, para compreensão de artefatos culturais produzidos e infâncias negras compartilhadas em contextos sociais e históricos. Ademais, por intermédio do Estado da Arte, pode-se visualizar o perfil das revistas com pesquisas sobre a temática no Brasil, quais sejam: revista Educação e Realidade (FE/UFRGS), revista Perspectiva (CCE/UFSC), revista e-Curriculum (PPGE/PUC-SP) e revista Psico (PPGP/PUC-RS).

Na base de dados, localizou-se cinco artigos que contemplavam o descritor crianças negras, conforme Quadro 1.

**Quadro 1** - Distribuição de artigos sobre crianças negras com Qualis A1 e A2 (Educação e Interdisciplinar).

Nº	Periódico	Departamento	Instituição	Área	Qualis	Total
01	Revista Educação e Realidade	Faculdade de Educação	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Educação	A1	01
02	Revista Perspectiva	Centro de Ciências da Educação	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Interdisciplinar	A2	02
03	Revista e-Curriculum	Programa de Pós-Graduação em Educação	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)	Educação	A2	01
04	Revista Psico	Programa de Pós-Graduação em Psicologia	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS)	Interdisciplinar	A2	01

Fonte: Elaborado pelos autores baseado em levantamento na Plataforma Sucupira (2021).

Observa-se quantidade pequena de artigos que versam sobre crianças negras, tendo uma concentração de artigos em revistas científicas das regiões Sudeste e Sul do Brasil. Caracteriza-se uma discrepância da distribuição dos estudos e ausência de produções nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, necessitando de aumento de artigos com Qualis A1 e A2, sendo caminho a edição de dossiês temáticos nas áreas Educação e Interdisciplinar.

Embora a produção científica nacional, em relação a outros países, tenha alcançado um crescimento anual de 10,7% (ALMEIDA; GUIMARÃES, 2013), a ausência de artigos científicos sobre as crianças negras com Qualis A1 e A2 é um aspecto que precisa ser problematizado e constituído caminhos para sua superação, buscando dar visibilidade as discursividades das infâncias negras, como no campo de conhecimento dos Estudos Culturais.

Os enfoques epistemológicos estão concentrados na afro-perspectiva em Nogueira e Alves (2019), história da infância em Abramowicz *et al.* (2011), estudos literários em Debus (2010), estudos sobre infância e Educação Infantil em Gomes (2019) e *Self* em Silva e Branco (2011). As pesquisas abrangem campos de conhecimento que contemplam as Ciências Humanas e os Estudos Literários, tecendo reflexões a respeito das discursividades e representações de crianças negras em diferentes contextos, com vista as culturas e infâncias.

Na geração dos dados, as técnicas utilizadas nas produções científicas estão situadas em pesquisa de campo, bibliográfica, documental, iconográfica e etnográfica. Desse modo, há técnicas aplicadas a textos ficcionais, documentos e fontes iconografias, buscando identificar normatizações e conhecimentos a respeito das crianças negras, bem como analisam enunciações discursivas das crianças negras em pesquisas de campo e etnografias das infâncias negras. Os instrumentos de pesquisa contemplados nos artigos científicos são caderno de campo, para registro do cotidiano das crianças como as suas falas e os momentos de interação, a câmera para fotografias e gravação de vídeo, entrevista semiestruturada e oferecimento de brinquedos aos sujeitos, para terem contato e sejam objetos de representação.

Os enfoques teóricos de análise estão fundamentados na afro-perspectiva em Nogueira (2019), análise iconográfica em Barthes (1984) e construção interpretativa do conhecimento em González-Rey (2005). Destaca-se que as perspectivas teóricas de análise aparecem de forma explícita e implícita, sendo necessário um destaque dessa dimensão no gênero discursivo do artigo científico, uma vez que a construção composicional apresenta a “[...] situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes [...]” (BAKHTIN, 2016, p. 38), rememorando a trajetória epistemológica de outras (os) autoras (es).

Nesse cenário, observa-se a ausência da perspectiva epistemológica dos Estudos Culturais em pesquisas com crianças negras no Brasil, de acordo com o Qualis A1 e A2, nas áreas de Educação e Interdisciplinar, no recorte temporal de 2010 a 2020. Todavia, essa lacuna

não limita a possibilidade de construção de novos caminhos de investigação científica, uma vez que a construção de diálogos articulados com a temática contribui para encontro de interculturalidades nas infâncias negras e formação sociocultural em sociedade.

O conhecimento produzido acerca das crianças negras em articulação com os Estudos Culturais coloca esse grupo social em transgressão da subalternidade historicamente enfrentada para locução ativa de suas vozes, imersas em saberes, culturas, histórias e experiências individuais e coletivas. De acordo com Eagleton (2005, p. 11) a cultura “[...] codifica várias questões filosóficas fundamentais. Neste único termo entram indistintamente em foco questões de liberdade e determinismo, o fazer e o sofrer, mudança e identidade, o dado e o criado”, nos quais favorecem a interlocução entre relações, espaços e tempos culturais construídas pelas crianças e infâncias negras, compartilhadas no gênero discursivo dos artigos científicos.

### 3.1 Crianças negras e racismo

---

Nesta categoria apresentamos a presença de meninas e meninos negros na literatura infantil brasileira (DEBUS, 2010), as infâncias diante o racismo (NOGUEIRA; ALVES, 2019) e as interlocuções entre raça e Educação Infantil (GOMES, 2019). Observam-se influências do racismo em infâncias de crianças negras que possibilitam a problematização de práticas racistas e promoção do antirracismo em grupos sociais.

A produção científica de Debus (2010), publicado na revista *Perspectiva com Qualis A2 em Educação*, investiga obras da literatura infantil por meio da tematização de questões étnico-raciais, fundamentada na caracterização de personagens meninos e meninas. As obras literárias contribuem para a formação de pensamentos e sentimentos sobre a infância negra, bem como fonte de construção de enunciados discursivos com foco a temática das relações étnico-raciais e um estilo de escrita próximo às linguagens desenvolvidas pelas próprias crianças, uma vez que: “A literatura infantil e juvenil, como produção cultural que tem seu foco na linguagem, obedece a critérios esteticamente literários [...]” (DEBUS, 2010, p. 194).

Conforme Bakhtin (2016), a obra ficcional é um elo na comunicação discursiva, uma vez que contém enunciados discursivos que expressam individualidade, construída em determinado contexto cultural, repleto de significados aprendidos pelo ouvinte e posteriormente compartilhados em responsividade, tornando-o falante. Os contextos culturais expressos nas

obras literárias contribuem para a elaboração de objetos culturais, que podem ser utilizados pelas crianças negras para ressignificação social, histórica e política.

A cultura influencia consideravelmente em experiências dos sujeitos, na qual “[...] desempenha papel constitutivo na vida social. As práticas sociais não são apenas influenciadas pela cultura, são atravessadas por ela, por um campo de produção e negociação de significados” (OLIVEIRA, 2009, p. 40). Assim, a tematização da questão étnico-racial, em obras literárias infantis, revela a presença de conflito racial nas vivências das crianças negras, em que “[...] alguns livros infantis (re)apresentam personagens negras por meio da ilustração, sem que no texto apareçam registrados enfrentamentos étnico-raciais [...]” (DEBUS, 2010, p. 205).

Observamos que os gêneros literários infantis expressam enunciados discursivos em formato escrito, concernentes as relações étnico-raciais, bem como ilustrações que proporcionam visualização de infâncias negras em imagens, constituindo estilos de representação e composições no cerne do tema da identidade racial.

As obras literárias podem contribuir para desenvolvimento de pertencimento racial positivo das crianças negras ou reforçar estereótipos em torno do negro na sociedade e invisibilizar caminhos para enfrentamento ao racismo. Hall (2003, p. 345) chama atenção para a essencialização da cultura negra, uma vez que “[...] é fraco porque naturaliza e des-historiciza a diferença, confunde o que é histórico e cultural com o que é natural, biológico e genético [...]”.

Embora haja possibilidade de representações sociais positivas e negativas no tocante as questões raciais abordadas na literatura infantil, Debus (2010, p. 205) apresenta que as obras literárias expressam atitude de “[...] enfrentamento das personagens crianças diante da condição negra em uma sociedade que, historicamente, privilegiou a condição branca [...]”. Os textos ficcionais, direcionados ao público infantil, necessitam de enunciações que privilegiem uma infância livre de estereótipos que possam reforçar o racismo velado ou a supremacia branca, assim como a valorização da identidade negra se torna um caminho para reconhecimento da história e cultura dessa população, na qual as crianças negras são participantes.

Esse movimento de tematização das questões étnico-raciais em obras literárias, por meio da problematização do racismo e constituição de práticas antirracistas, constrói novas representações sociais nas vivências das crianças negras, como a correção de estereótipos e a subversão da discriminação racial. Para Silva (2015) o reconhecimento e interação com outras

raças são passos relevantes para a construção da identidade racial e social das crianças negras, representadas sem estereótipos, sem hierarquias e usufruindo da cidadania.

A produção de Nogueira e Alves (2019), publicado na Revista Educação e Realidade com Qualis A1 em Educação, analisa a infância como noção, categoria e conceito desenhado pela Sociologia da Infância e Afro-perspectiva de pensar e refletir as crianças negras, assim como problematiza o racismo e suas formulações em África e à infância da humanidade. Apresenta discursividades compartilhadas pelos sujeitos e grupos no percurso histórico, cultural, social da humanidade, sendo constituídas facetas sobre as infâncias das crianças negras, como as interações na estrutura social.

Assim, corroboramos com Corsaro (2011, p. 43) ao afirmar que “[...] em suas infâncias particulares, as crianças são, como os adultos, participantes ativos em sociedades organizadas [...]”. A posição ativa de vozes e saberes das crianças em relações sociais se torna fundamental para a construção da cultura em sociedade, uma vez que esse grupo apresenta olhares diferenciados dos construídos por adultos, além de elementos socioculturais ressignificados pelas interações e ludicidades, como um objeto que se torna um instrumento de representação de fenômeno social anteriormente visualizado ou construído conjuntamente.

A afro-perspectiva fundamenta uma responsividade a respeito da infância e das crianças negras, baseado no pensamento africano como conceito filosófico e espiritual, entrelaçando as vivências e experiências dos sujeitos, possibilitando o rompimento de paradigmas que invisibilizam grupos da diáspora e seus descendentes. Nogueira e Alves (2019, p. 17) afirmam que a infância negra deve ser pensada “[...] para além do caráter de categoria social que abriga as crianças negras. Ela pode ser pensada especulativamente como um conceito disruptivo [...]. As crianças negras são obrigadas a resistir [...]”.

Observamos que a imagem acerca da infância negra na afro-perspectiva coloca as crianças em posição de enfrentamento ao racismo, com discursos que interrompem o elo entre negação do direito a humanidade e sua condição étnico-racial, principalmente, com um olhar na ancestralidade africana. Desse modo, a Afrocentricidade contribui para a ruptura de paradigmas hegemônicos, uma vez que “[...] é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos” (ASANTE, 2009, p. 93).

Os enunciados discursivos reconhecem o racismo como um problema que influencia as perspectivas de pensar a infância da criança negra, desde o continente africano e no Brasil, assim como aporta possibilidades para a subversão de práticas racistas. A produção de Nogueira e Alves (2019, p. 19) apresenta dez teses infantis para combater o racismo, entre as quais enunciam o: “Brincar como modelo irrecusável das relações humanas, com o meio ambiente e outras espécies de gente não humana (tais como cachorros, borboletas, etc.) [/] Visitar a sua própria cultura como se fosse estrangeira [...]”.

A brincadeira é pilar importante no tecido de relações humanas, realizada cotidianamente em grupos sociais e ambientes que participam, sendo considerados os contextos e outras espécies que conferem suas experiências e vivências. Esse caminho para enfrentamento a práticas racistas se estabelece na própria cultura, a qual deve estar acompanhada de uma atitude filosófica de reflexão e crítica em comunidade, bem como interações compartilhadas com outras crianças e adultos, em atribuição e ressignificação de objetos socioculturais.

Esse movimento filosófico e lúdico do ato de brincar em Afro-perspectiva confere um componente de descolonização da cultura e das práticas sociais dos sujeitos, a manter um teor dialógico de reconstrução. De acordo com Mignolo (2017, p. 14): “[...] precisamos mudar os termos da conversa. Mudando os termos da conversa, e não apenas o conteúdo, significa pensar e agir decolonialmente [...]”, ou seja, da colonialidade para a decolonialidade há uma lacuna modificada por pensamentos, atitudes e valorização e reconhecimento de africanos e afro-brasileiros, em Afro-perspectiva que descoloniza a sociedade e as infâncias negras.

Nessa trajetória, as políticas ocupam um dos pilares de enfrentamento ao racismo em Afro-perspectiva, na qual podemos considerar as políticas de governo e de Estado formuladas por determinado país ou a atitude política de manifestar-se contrário a práticas racistas aos quais negros e outros grupos étnico-raciais são cotidianamente expostos, conforme enunciado discursivo que pontua: “Inventar práticas políticas antirracistas com os cotidianos (ou sempre assumir que o debate não produz resultados finais) [...]” (NOGUEIRA; ALVES, 2019, p. 19).

Ao debruçarmos o olhar sobre as infâncias, a dimensão política da luta antirracista atribui um componente de valorização das crianças no processo de elaboração de políticas públicas e na formação de atitudes que contribuam para a afirmação da identidade racial,

representações de reconhecimento positivo e valorização do negro, além da percepção, problematização e luta contra o racismo velado presente na sociedade brasileira.

Em articulação a dimensão sociocultural, movimentos dialógicos e participação ativa de crianças negras com suas infâncias na produção de conhecimento e interações culturais se tornam fundamentais, seja em promulgações de leis para reconhecimento ou transgressão de uma voz anteriormente silenciada para reconhecimento dos saberes construídos. Segundo Carvalho (2001, p. 139) se espera “[...] politizar o espaço discursivo que se abre constantemente a cada vez que nos atrevemos a intervir como sujeitos na cadeia representacional ativada por grupos subalternos, para reabri-la antes que se congele”, na qual confere a importância do campo de conhecimento dos Estudos Culturais para constituição política de regiões e grupos sociais, com foco, no caso, as crianças negras com suas infâncias.

As possibilidades de enfrentamento ao racismo perpassam pelas teses de reconhecimento dessa violência em vivências de sujeitos e grupos sociais no mundo, assim como o encontro com outras culturais, configurando crianças e infâncias multiculturais, conforme enunciado discursivo de Nogueira e Alves (2009, p. 19) que afirma: “Reconhecer a branquitude como um perigo para todos viventes do planeta [/] Viajar por culturas que não sejam a sua própria (ou manter a virtude epistêmica da infância – polirracionalidade)”.

A negação do pertencimento racial negro e aproximação com a branquitude constitui um problema na construção identitária das crianças, com consequências psicológicas, culturais e históricas. Para Bento (2014) a branquitude se estabelece na sociedade brasileira em forma de hierarquização do branco acima do negro, do narcisismo relacionado a brancura, entre outros aspectos que buscam sobressair a condição branca sobre a condição negra nas relações raciais.

Atitudes antirracistas ressignificam olhares das crianças negras, reconstruindo saberes e conhecimentos científicos que foram outrora demarcados pelo racismo e negação do lugar da infância nas sociedades. Assim, baseiam-se em ludicidades, em produções culturais, relações com a natureza e objetos, assim como reconhecimento do racismo expresso na forma de “[...] preconceito velado, ‘sutilezas’ a brasileira de atitudes desfavoráveis em relação aos membros de uma população, que muitas vezes sobre estigmas pela cor de sua pele, ou outros estereótipos” (SANTOS, 2009, p. 62).

As interlocuções entre os saberes das crianças na afro-perspectiva em interfaces com conhecimento científico no gênero secundário do discurso constituem formas para superação dos elementos que concretizam o racismo, apresentada no plano analítico de pesquisadores. Bakhtin (2016, p. 63) afirma que: “Ver e compreender o autor de uma obra significa ver e compreender outra consciência, a consciência do outro e seu mundo, isto é, outro sujeito”.

Esse movimento analítico dos conhecimentos a respeito da infância negra em afro-perspectiva e suas inflexões com as noções de cultura e Estudos Culturais, favorece novas reflexões sobre as possibilidades de contemplação das crianças negras nessa área de estudo. O rompimento de perspectivas hegemônicas e tradicionais de pesquisa com as crianças negras, via Estudos Culturais, concebe “[...] a ideia da inesgotável diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico [...]” (SANTOS, 2007, p. 85-86).

A produção científica de Gomes (2019), publicada na Revista e-Curriculum com Qualis A2 em Educação, investiga a temática raça, infância e Educação Infantil na produção teórica educacional brasileira, em reflexões tecidas na Educação Infantil e do Currículo. Relações raciais e infâncias de crianças negras apresentam enunciações elaboradas em grupos sociais, destacando-se relações familiares, manifestações religiosas e momentos lúdicos. Nesse sentido, o currículo educacional é um campo de conhecimentos, por vezes conflitivo, no qual congrega saberes e epistemologias que podem reproduzir o racismo velado ou contribuir com o antirracismo no sentido de valorização das culturas infantis das crianças negras.

Corroboramos com Santos (2018) ao apontar a importância de um currículo que seja vivenciado pelas crianças negras de forma significativa a partir dos saberes e manifestações culturais, pelas quais são consideradas as especificidades infantis, interesses singulares e potencialidades de desenvolvimento, integrada e permanente a mudança da identidade racial. Os saberes e as culturais devem estar contempladas no percurso formativo das crianças negras, em suas identidades raciais e infâncias, do ponto de vista biológico, pelo desenvolvimento cognitivo e físico, assim como a dimensão cultural nas relações raciais.

Na pesquisa de Gomes (2019, p. 1026), os enunciados discursivos estão direcionados ao currículo elaborado pela justiça curricular, pela qual “[...] é possível compreender a relação entre o currículo e as injustiças que existem não só nas instituições educacionais, mas na



sociedade como um todo”. Essa interlocução entre currículo e injustiças sociais favorecem a reflexão sobre o estado atual que se encontram as crianças negras da Educação Infantil externamente as instituições escolares, assim como visualização da dinâmica de combate ao racismo que influencia trajetórias de conhecimento, práticas e interações.

Os currículos da Educação Infantil, com vistas a infância e as relações raciais, abrangem aspectos culturais que influenciam experiências sociais, nas quais, em muitos momentos, são necessárias intervenções para modificação das interações, uma vez que podem estar baseadas na desigualdade racial, afetando a dignidade e cidadania pela condição de subalternidade. Carvalho (2001, p. 120) afirma que: “A condição de subalternidade é a condição do silêncio”, em que o grupo social das crianças negras foi historicamente submetido, mas que pela (re)criação de objetos culturais e de enunciações discursivas, demarcam sua importância para o pertencimento racial e contribuição para a formação educacional.

Gomes (2019, p. 1037) apresenta enunciações concernentes ao tema da justiça para as crianças negras, sendo a justiça curricular, como prática de superação de desigualdades racial, social e cultural, e justiça cognitiva que “[...] tanto em termos conceituais quanto práticos só consegue ser entendida, vivida e praticada se a nossa concepção de sociedade, de democracia, de justiça e de conhecimento for emancipatória e rebelde [...]” em superação da arrogância da ciência hegemônica que invisibiliza os saberes das infâncias negras.

As justiças curricular e cognitiva buscam contemplar as infâncias com suas culturas nas trajetórias de conhecimento e formação social na Educação Infantil, vislumbrando a identidade racial e ludicidades voltadas a ancestralidade afro-brasileira e africana, a história e as culturas das crianças negras, como um conjunto de conhecimentos que necessitam de reconhecimentos. Corroboramos com Santos (2007, p. 85, grifo nosso) ao afirmar sua contraposição ao pensamento abissal de ciências verdadeiras e falsas, de conhecimentos válidos e inválidos, para uma compreensão de diversidade inesgotável epistemológica, entendida como pós-abissal, que:

[...] confronta a monocultura da ciência moderna com uma **ecologia de saberes**, na medida em que se funda no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos [...] e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer sua autonomia. A ecologia de saberes se baseia na ideia de que o conhecimento é interconhecimento.

Os saberes construídos pelas crianças negras, com vistas as justiça curriculares e cognitivas, podem ser entendidas como caminhos para construção de interconhecimentos, aos quais não colocam suas produções culturais em condição de subalternidade, mas assumem posição ativa perante a superação do racismo em contextos da Educação Infantil, uma vez práticas racistas ocorrem em planos material, ideológico e simbólico. Rosenberg (2012) aponta que, no plano simbólico, o racismo opera em expressões de preconceito racial projetando uma imagem de inferiorização do negro, enquanto, no plano material, os negros não acessam aos mesmos recursos públicos que os brancos, do ponto de vista de políticas públicas.

As enunciações discursivas na categoria estão baseadas no racismo e no antirracismo, comunicados pelas crianças negras e não negras em diferentes espaços formativos e produção de conhecimentos em textos ficcionais, diálogos e bibliografias. Pela problematização da existência de práticas racistas contra as crianças negras, é possível a promoção de valorização e reconhecimento desse grupo social, como na abordagem de saberes das infâncias negras no currículo educacional, além da construção de pesquisas que contemplem os Estudos Culturais, ainda ausente em investigações sobre/com as crianças negras.

### 3.2 Crianças negras e identidade

---

Esta categoria aborda a pesquisa de Abramowicz *et al.* (2011) dedicada a investigação da criança em iconografias no Brasil entre os séculos XIX e XX e Silva e Branco (2011) que reflete a constituição da negritude no campo da infância, a partir das relações étnico-raciais em situações lúdicas. Os estudos apresentam representações sobre as crianças negras estabelecidas na sociedade e construção da identidade racial e sua influência nas infâncias, em que a negritude marca espaços e temporalidades que esse grupo contribui para formação racial e social.

A produção científica de Abramowicz *et al.* (2011), publicado na Revista *Perspectiva* com Qualis A2 em Educação, investiga formas como as crianças negras com suas infâncias são retratadas durante o século XIX e início do século XX em iconográficas na sociedade brasileira. As fontes iconográficas possibilitam visualização, observados aspectos e condições que formavam percepções acerca das infâncias negras, e análise dos lugares ocupados pelas crianças negras no que tange as dimensões sociocultural, educacional e institucional, caracterizando seus modos de vida, o acesso a espaços e produção de artefatos culturais em fotografias.

As infâncias negras retratadas em iconografias não devem velar as mazelas as quais foram submetidas na trajetória histórica brasileira, invisibilizando suas identidades, memórias e ancestralidades, mas sim desvelar um racismo por vezes violento direcionado as crianças, ficando “[...] evidente que querer conhecer mais sobre a trajetória histórica dos comportamentos, das formas de ser e de pensar em relação às nossas crianças negras, é também uma forma de amá-las, todas e indistintamente, melhor” (DEL PRIORE, 2012, p. 251).

Abramowicz *et al.* (2011) elucida que as crianças negras estão presentes nas fontes iconográficas em forma de vestígios, revelando componentes de invisibilidade e ocultamento de suas infâncias, uma vez que há raríssimas fotografias em que esse grupo social está presente, mas que, simultaneamente, favorece a apreensão de diferentes visões acerca da infância negra, uma vez que contemplam vivências realizadas no cotidiano, mas sem alusão a escravidão.

Os enunciados se constituem a partir da temática das crianças negras em fontes iconográficas, atravessadas por diferentes estilos adotados em fotografias e formas analíticas das autoras para compreensão as infâncias negras na historiografia brasileira, desvelando uma infância que foi silenciada, pelo quantitativo ínfimo de registros e memória de suas existências, entre outros aspectos que perfazem a infância desde o período escravocrata. Apesar da presença reduzida de crianças negras e escravizadas em registros históricos podemos observar que esses não foram extintos, assim como as memórias da população negra no contexto brasileiro, em resistência ao tempo e a violência do racismo contra suas culturas, conforme constatado por Mignolo (2017, p. 3): “[...] não foram apagadas as histórias e memórias das comunidades afrodescendentes no Brasil, na Colômbia, no Equador, na Venezuela e no Caribe insular”.

Os meninos negros e as meninas negras necessitam ser compreendidos em olhares dispostos em fotografias, para que suas culturas possam subverter a subalternidade legitimada por parte da sociedade e instituições entre os séculos XIX e XX. Para Jovino (2010) o contato com iconografias de crianças negras reconstrói um sentimento de infância voltado ao pertencimento a população negra, investigando a normatização do racismo em suas vidas, assim como enfrentamento dos negros as hegemonias vigentes o período colonial.

A problematização dos silenciamentos e reconhecimento das presenças das crianças negras em diferentes espaços, durante o período colonial e escravocrata, possibilitam a explicação dos acontecimentos que influenciavam as vivências desse grupo social em uma

sociedade marcada por práticas racistas e formas antirracistas estruturadas pela cultura negra. Para Spivak (2014, p. 62), os movimentos analíticos da cultura e da história dos grupos sociais oferecem “[...] um relato de como uma explicação e uma narrativa da realidade foram estabelecidas como normativas [...]”, conforme visto na produção científica analisada.

Abramowicz *et al.* (2011) problematiza o imaginário social sobre as crianças negras entre os séculos XIX e XX, em que as infâncias subvertem o exotismo posto pelo trabalho escravo e compõem um olhar analítico que transcende modos hegemônicos de representação no século XIX, caracterizado pela ambiguidade de uma infância invisível no sistema escravista. Embora existisse o racismo na negação da humanidade e violência contra as crianças negras, apresentava-se também o sentimento de infância constituído no seio da população negra. Nesse cenário, Góes e Florentino (2015, p. 184) apontam que “[...] os escravos inventavam meios de, com o material disponível, fincar as vigas de uma vida comunitária e cooperativa”, em diferentes produções de saberes e culturas na educação, trabalho e história.

A produção de Silva e Branco (2011), publicado na Revista Psico com Qualis A2 na área Interdisciplinar, analisa as influências da negritude na infância de crianças nas relações étnico-raciais desenvolvidas em momentos lúdicos estruturados. Nesse cenário, os brinquedos utilizados na pesquisa, previamente selecionados e apresentados às crianças participantes, enunciam uma condição básica para discursos entre infância e negritude na vida dos sujeitos.

As relações étnico-raciais são bases para reflexão da infância e da negritude, no qual as crianças negras produzem enunciações na comunicação discursiva estabelecida com os objetos, no caso brinquedos que provocam a explanação sobre a cor da pele e possíveis preconceitos raciais do cotidiano. Para Corrêa e Santos (2020), o contato das crianças negras com brinquedos, como bonecas brancas e negras, desvela preferências e distanciamentos dos sujeitos, como elogios a cor no autorreconhecimento e classificação racial, além da invisibilidade da cor da pele em estigmas, inferiorizações e práticas racistas.

Na pesquisa de Silva e Branco (2011), as enunciações discursivas denunciam a presença do racismo na sociedade brasileira, desenvolvida em torno de estereótipos de cunho racial e ideologia do branqueamento, que prejudicam a construção da identidade das crianças, desvalorização da negritude em relação a branquitude, assim como a supervalorização da condição branca em processos de canalização de saberes, culturas e interações infantis.

O racismo opera na subjetividade das crianças negras, reestruturando-se na comunicação discursiva dos grupos sociais nas quais as crianças participam e sendo compartilhados nas convivências. A omissão diante práticas racistas contra as crianças negras, por agentes formativos e sociais que poderiam articular ações de enfrentamento, imputam as infâncias negras um silenciamento, que quando observados por outras crianças, pode ser apreendido como algo positivo, não sendo observada a violência desse fenômeno social. Nessa perspectiva, Fazzi (2006, p. 174) afirma que a criança negra estigmatizada é vista pelo grupo como diferente, pertencente a um grupo de pessoas com tonalidade da pele escura e concebida como vulnerável, que não se enquadra no padrão considerado como normal e aceitável.

O preconceito de cunho racial é outro elemento ligado ao racismo abordado na produção científica de Silva e Branco (2011, p. 198), conforme enunciação discursiva que aponta: “[...] O preconceito contra o negro, apesar de algumas vezes parecer invisível, atua e é construído e reconstruído no processo de aprendizagem das convenções culturais e nas formas de relacionamento humano desde a infância [...]”. Desse modo, essa modalidade de preconceito é visualizada para além de uma concepção preexistente sobre a tez da pele, mas como uma problemática que influencia as interações dos sujeitos na infância, a considerar “[...] o grupo social negro como inferior ao branco [...]” (ROSEMBERG, 2012, p. 31).

As convenções culturais ligadas ao preconceito racial ocasionam diferentes comportamentos diante práticas racistas, como representações construídas pelo grupo social das crianças direcionadas a quem exerce o racismo ou quem sofre com ele, bem como elementos socioculturais, discursividades e identidades raciais em experiências da sociedade. Segundo Hall (2003, p. 143): “[...] Na ‘experiência’ todas as práticas se entrecruzam; dentro da ‘cultura’ todas as práticas interagem – ainda que de forma desigual e mutuamente determinante [...]” e essa interação cultural entre sujeitos e grupos possuem componente cognitivo e social.

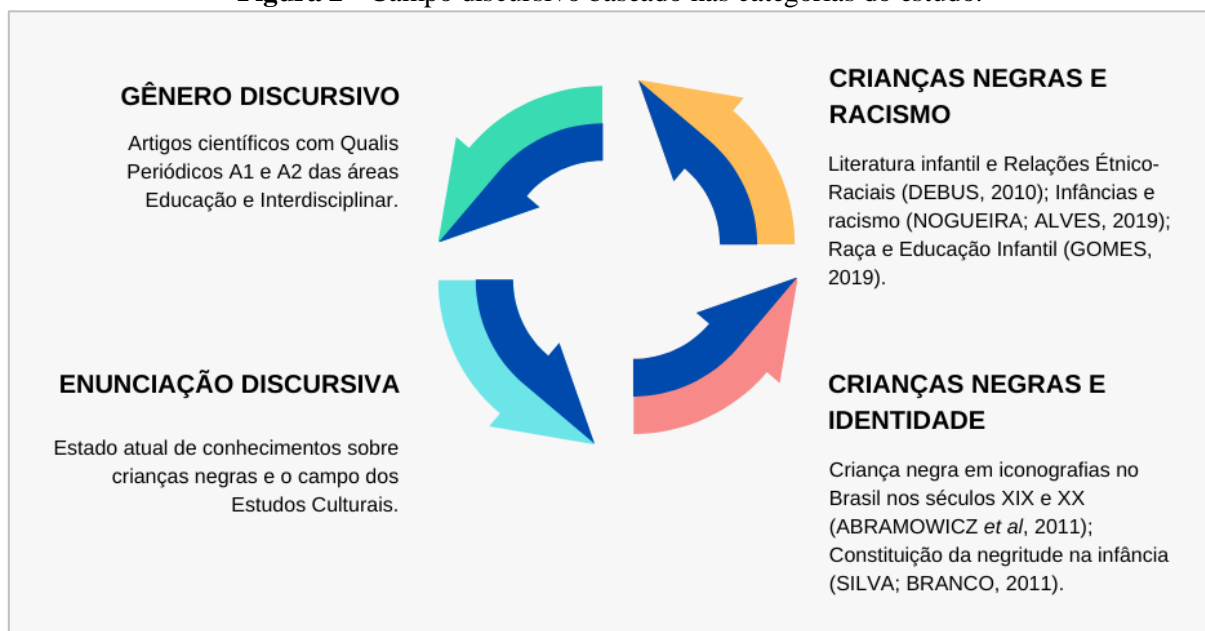
Silva e Branco (2011) apresentam a dificuldade das crianças negras em construir identidades raciais pautadas no pertencimento étnico-racial, desejável para a saúde mental e desenvolvimento social, cultural e cognitivo, assim como o percurso de desenvolvimento moral das crianças para a reprodução do racismo velado, necessitando de ressignificação das imagens e sentidos no caminho de erradicação do preconceito racial.

Os comportamentos das crianças negras apresentam identidades raciais construídas em interações culturais nos grupos sociais, compartilhando artefatos culturais por meio de brinquedos. As falas das crianças negras apresentam assimetrias e entraves que o racismo provoca a moralidade e a subjetividade, na qual à observação passiva, sem práticas antirracistas para subversão de enunciados discursivos preconceituosos e discriminatórios, podem reforçar a negação da humanidade pela cor da pele.

Essa categoria apresenta as infâncias negras em iconografias que vislumbram a dualidade entre racismo e antirracismo, pelos caminhos de resistência expressados nas fotografias, embora o quantitativo de registros encontrados seja ínfimo. Os racismos velados e explícitos também influenciam a elaboração da identidade racial, expresso no desenvolvimento moral, em relações históricas e ludicidades que atribuem significados aos objetos culturais.

Desse modo, apresenta-se a síntese discursiva do estudo, a partir dos artigos científicos sobre crianças negras em relação ao campo do conhecimento dos Estudos Culturais (Figura 2).

**Figura 2** - Campo discursivo baseado nas categorias do estudo.



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Os gêneros discursivos secundários são demarcados por artigos publicados em periódicos com Qualis A1 e A2 nas áreas Educação e Interdisciplinar, nos quais comunicam enunciados discursivos que revelam o estágio atual de conhecimentos sobre as crianças negras em interfaces com os Estudos Culturais. Apesar da ausência do campo dos Estudos Culturais

em produções acadêmicas nessa base de dados, as categorias discursivas contribuem para uma interlocução com a dimensão cultural das infâncias negras, possibilitando a visualização de novos caminhos investigativos com/sobre as crianças negras.

Desse modo, a categoria discursiva crianças negras e racismo revela a presença do racismo nas experiências sociais das crianças negras e possibilidades para enfrentamento, assim como a categoria discursiva crianças negras e identidade demonstra as crianças negras como promotoras de identidades raciais baseadas em relações étnico-raciais presentes na sociedade. Nesse cenário, sugere-se a criação de dossiês temáticos que contemplem as crianças negras e o campo de conhecimento dos Estudos Culturais, contribuindo para a apreensão dos seus saberes e culturais que permeiam as infâncias.

#### **4 Considerações finais**

---

Esta pesquisa objetivou investigar o Estado da Arte sobre as crianças negras em relação aos Estudos Culturais em artigos científicos de periódicos brasileiros no recorte temporal de 2010 a 2020. Às cinco produções que versam sobre crianças negras apresentam a necessidade de ampliação de pesquisas no gênero discursivo artigo científico com relação ao campo de conhecimento dos Estudos Culturais, sendo uma interlocução ausente em periódicos científicos com Qualis A1 e A2 nas áreas de avaliação Educação e Interdisciplinar.

Por mais que os Estudos Culturais não estejam explícitos em artigos científicos sobre as crianças negras, as culturas produzidas pelas infâncias negras estão dispostas nos resultados e análises dessas produções acadêmicas. O desenvolvimento de pesquisas com relação às crianças negras e os Estudos Culturais, coloca esses sujeitos como construtores de conhecimentos em luta contra a subalternidade imposta pelo racismo, bem como epistemologias que possibilitam a investigação de lugares e vozes que permeiam as culturas

As categorias discursivas apresentam infâncias negras que ainda experienciam o racismo na violência provocada por estereótipos, estigmas, preconceitos e discriminações pela cor da pele. Todavia, há práticas antirracistas de valorização e reconhecimento das crianças negras como construtoras da sociedade nacional e de grupos sociais, onde seus saberes, culturas e identidades são caminhos para elaboração de epistemologias que atribuam sentido positivo as infâncias negras, com enunciados discursivos situados na área da Educação, assim como uma

interdisciplinaridade que congrega a Infância em Afro-Perspectiva, a Historiografia da Infância, a Sociologia da Infância, Psicologia Social e, ainda, Estudos Culturais.

Portanto, este Estado da Arte demonstra a necessidade de ampliação de publicação de artigos sobre a temática e, principalmente, que contemplem os Estudos Culturais como campo epistemológico e interdisciplinar, nas áreas de avaliação da Educação ou Interdisciplinar, conforme Tabela de Áreas de Avaliação da CAPES. Uma das possibilidades para essa ampliação é a organização de chamadas para publicação em dossiê temático, como meio de divulgação científica e produção de conhecimento, com o objetivo de apreensão das vozes desse grupo social no cenário brasileiro e compreensão das culturas infantis de crianças negras do campo, de crianças negras ribeirinhas, de crianças negras em contextos urbanos, entre outras.

## Referências

---

ABRAMOWICZ, A.; OLIVEIRA, F.; RODRIGUES, T. C. A criança negra, uma criança negra. *In*: ABRAMOWICZ, A.; GOMES, N. L. (orgs.). **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 75-96, 2010.

ABRAMOWICZ, A. *et al.* Imagens de crianças e infâncias: a criança na iconografia brasileira dos séculos XIX e XX. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 29, n. 1, p. 263-293, jan./jun., 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2011v29n1p263>. Acesso em: 04 abr. 2021.

ABRAMOWICZ, A. A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da Infância. *In*: FARIA, A. L. G. de; FINCO, D. (orgs.). **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas: Autores Associados, p. 17-36, 2011.

ALMEIDA, E. C. E. de; GUIMARÃES, J. A. **A pós-graduação e a evolução da produção científica brasileira**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

ASANTE, M. K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. *In*: NASCIMENTO, E. L. (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, p. 93-110, 2009.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. *In*: CARONE, I.; BENTO, M. A. S (orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, p. 25-58, 2014.



BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Diário Oficial da União**, Brasília, Seção 1, 16 jul., p. 13563, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Plataforma Sucupira**. 2022. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br>. Acesso em: 25 jun. 2022.

CARVALHO, J. J. de. O olhar etnográfico e a voz subalterna. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 7, n. 15, p. 107-147, jul., 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/kNnShbTR3wLSWgCspyx8JBv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2021.

CORRÊA, A. M. do R.; SANTOS, R. I. A. dos. As representações sociais de crianças negras sobre a cor em contexto escolar. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 26, n. 1, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/33513>. Acesso em: 01 set. 2021.

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, mai./jun., 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/FPTpjZfwdKbY7qWXgBpLNCN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2021.

DEBUS, E. Meninos e meninas negras na literatura infantil brasileira: (des)velando preconceitos. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 1, p. 191-210, jan./jun., 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2010v28n1p191>. Acesso em: 03 set. 2021.

DEL PRIORE, M. A criança negra no Brasil. In: JACÓ-VILELA, A. M.; SATO, L. (orgs.). **Diálogos em psicologia social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 232-253, 2012.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: editora UNESP, 2005.

FAZZI, R. de C. **O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago./dez., 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2020.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad.: Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GÓES, J. R. de; FLORENTINO, M. Crianças escravas, crianças dos escravos. *In*: DEL PRIORE, M. (org.). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, p. 177-191, 2015.

GOMES, N. L. Raça e Educação Infantil: à procura de justiça. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 1015-1044, jul./set. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/44232>. Acesso em: 28 fev. 2021.

GONZÁLEZ-REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção de informação. São Paulo: Thonson Learning, 2005.

HALL, S. Que “negro” é esse na cultura negra?. *In*: HALL, S.; SOVIK, L. (org.). **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO, p. 335-352, 2003.

JOVINO, I. da S. **Crianças negras em imagens do século XIX**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/14095/TeseISJ.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 jul. 2022.

MAFRA, J. J. **Ler e tomar notas**: primeiros passos da pesquisa bibliográfica – orientações para produção de textos acadêmicos. 2. ed. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2007.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **RBCS**, v. 32, n. 94, p. 1-18, jun., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcso/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVv/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 ago. 2021.

NOGUEIRA, R. O poder da infância: espiritualidade e política em afro-perspectiva. **Momento**: diálogos em educação, Rio Grande, v. 28, n. 1, p. 127-142, jan./dez., 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8806>. Acesso em: 10 set. 2021.

NOGUEIRA, R.; ALVES, L. P. Infâncias diante do racismo: teses para um bom combate. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 44, v. 2, p. 1-22, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/s6MZxwSx8PGL9hppMfP6FPF/?lang=pt>. Acesso em: 11 set. 2021.

OLIVEIRA, A. L. A. R. M. de. Os estudos culturais e a questão da diferença na educação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 34, n. 20, p. 33-62, jan./abr., 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/3942>. Acesso em: 15 ago. 2021.

ROSEMBERG, F. A criança pequena e o direito a creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais. *In*: BENTO, M. A. da S. (org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade**: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, p. 11-46, 2012.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 79, p. 71-94, nov., 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2021.

SANTOS, R. A. dos. **[In]visibilidade negra**: representação social de professores acerca das relações raciais no currículo escolar do Ensino Fundamental em Ananindeua (PA). 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

SANTOS, R. A. dos. Currículo e relações étnico-raciais: a identidade da criança negra na Educação Infantil na Amazônia Bragantina. **Arquivo Brasileiro de Educação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 14, mai./ago., 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/arquivobrasileiroeducacao/article/view/20866>. Acesso em: 15 set. 2021.

SILVA, M. P. D. da.; BRANCO, A. U. Negritude e infância: relações étnico-raciais em situação lúdica estruturada. **Revista Psico**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 197-205, abr./jun., 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/6516>. Acesso em: 20 set. 2021.

SILVA, P. B. G. e. Crianças negras entre a assimilação e a negritude. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 9, n. 2, p. 161-187, 2015. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1137>. Acesso em: 10 ago. 2020.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.